

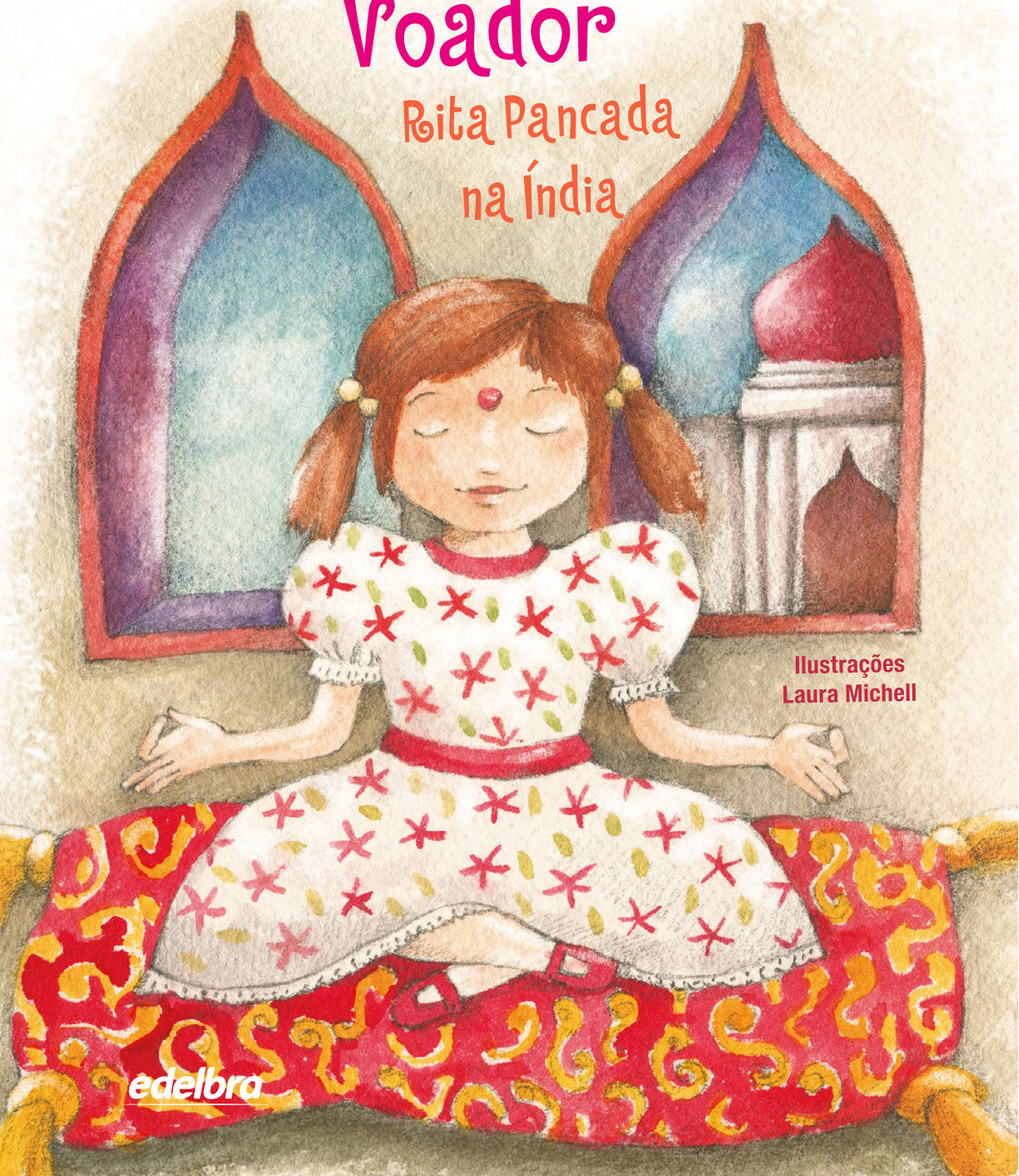
Tiago de Melo Andrade

O Circo Voador

Rita Pancada
na Índia

Ilustrações
Laura Michell

edelbra



O Circo Voador

Rita Pancada
na Índia

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação Editorial: Elaine Maritza da Silveira

Ilustrações: Laura Michell

Projeto Gráfico: Victória Piffero

Revisão: Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A571c Andrade, Tiago de Melo, 1977-
O circo voador : Rita Pancada na Índia / Tiago de
Melo Andrade ; ilustração Laura Michell. – 1. ed. -
Porto Alegre, RS : Edelbra, 2016.
136 p. : il. ; 25 cm. (As aventuras de Rita
Pancada ; 3)

ISBN 978-85-5590-005-1

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Michell,
Laura. II. Título. III. Série.

16-29726

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2016

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser
reproduzida ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.

edelbra

Tiago de Melo Andrade

O Circo Voador

Rita Pancada
na Índia



Ilustrações
Laura Michell

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

CAPÍTULO 1

A chuva artística



De repente, o céu encheu de paraquedas! Houve até passarinho parando – Prrr-pac! – em pleno voo para olhar o colorido dos tecidos abertos, a debocharem da gravidade. Os paraquedistas saltavam de enorme dirigível, no qual se lia em garrafais letras vermelhas e brilhantes: O INCRÍVEL CIRCO VOADOR!

Maricota, muito afundada no tempo e na roça, levou um susto enorme quando viu aquilo:

– E essa agora?! Apareceu uma nova raça de urubus coloridos! Final dos tempos!

Até o comércio parou para apreciar a chegada

do circo – vendedores às portas das lojas olhavam para cima, embasbacados. A mulher barbada foi a primeira a colocar os pés no chão, seguida de dois palhaços, que aterraram sobre longas pernas de pau – Toc! Toc! Toc!

Sem paraquedas, apenas com uma sombrinha escarlate aberta, descia suave a equilibrista. Adveio, então, uma lhama dentuça, ao mesmo tempo em que até um elefante equipado com alto-falantes flutuava de paraquedas no céu azul de inverno. Foi assim, chovendo sobre a cidade de Formiga, que a trupe



inteira do circo de fama internacional desembarcou.

Num passe de mágica, ruas e praças ficaram alegres e coloridas, tomadas pelos artistas. Na frente da prefeitura, um homem metido numa tanga de oncinha cuspiu bolas de fogo, ao som de sanfoninhas e violinos que uma animada orquestra metida em fraques vermelhos tocava.

Fiúca, enfermeira de muitos anos, sem entender direito o que acontecia, levou a engolidora de espadas à força ao pronto-socorro. Na praça, o Menino Mais Forte do Mundo exibia seu talento, levantando com um só dedo a professora de Literatura, Margarida, que contava bem uns cem quilos, divididos assim: cinquenta de prosa e cinquenta de poesia. Um grupo de dançarinas fazia girarem os vestidos de diversas cores, florindo o gramado da praça. Outros, metidos em colantes metálicos, estenderam cordas entre as torres da matriz, armando uma espécie de trapézio onde se balançavam, davam saltos e piruetas.

O mágico, rodando a varinha em torno da cartola, fez sair de lá uma revoada de lindas borboletas

– Flap-flap-flap!... – que, depois de atingirem certa altura, magicamente se desfizeram numa chuva de papel picado. A distribuição dos panfletos ficou por conta do homem-bala, que os atirava por um canhão

– Buuummm!

Enquanto os artistas se apresentavam, um homem de fraque e cartola pretos anunciava a chegada do circo:

– Senhoras e senhores! Não percam! Venham! Venham! Esta noite, no campo de futebol, às oito horas, acontecerá a grande estreia do Incrível Circo Voador, nesta adorável cidade de Formiga! Especial apresentação! Espetáculo de categoria internacional, com artistas do mundo inteiro! Não percam a chance de conhecer o incrível Lupsin Scampa, mágico formado na Escola Superior de Ilusionismo Romena! Ou Abrisca, a mulher barbada, com o maior bigode do mundo! Animais amestrados, show de dança egípcia, o globo da morte, os corajosos trapezistas que dispensam a rede de segurança! Muitas surpresas

os aguardam esta noite! Venham! Venham!

Enquanto a propaganda era feita, o circo era armado. Sobre uma grande estrutura de metal, apoiada em cinco mastros, era estendida uma lona listrada de amarelo e azul. Até aí, nada diferente de outros circos... O diferencial do INCRÍVEL CIRCO VOADOR ERA QUE VOAVA MESMO! Depois de armada a lona, o mastro principal era amarrado por uma corda de aço ao gigantesco dirigível, que levantava o circo do chão, deixando-o uns vinte metros acima do solo.

— E como nós vamos fazer para assistir ao



espetáculo, com o circo pendurado no céu?

– Basta usar o elevador de vidro! – explicou Abrisca, a mulher barbada, que ficava na bilheteria vendendo ingressos antecipadamente.

Então... então, da janela de seu quarto, acompanhava aquela movimentação uma menina proibida de pôr o nariz trapalhão fora de casa.

– Por favor, me deixe ir ver o circo!... Deixe! – implorava, puxando os braços da mãe.

– Mas de jeito nenhum! – replicava esta. – Ainda mais um circo voador! Um perigo você despencar de lá de cima!...

– Mas, mãe, todos da cidade vão ao espetáculo...

– Não adianta estufar o bico! Eu não tenho culpa se você vive perdendo suas agulhas! Yuan já colocou outras no correio, mas levam uma semana para chegar... A China não fica ali na esquina, não!

Não que fosse dessas mães muito preocupadas, com excesso de zelo... Acontece que a garota em questão era Rita Pancada, a menina de mãos furadas, joelhos frouxos e pés de chumbo.

Rita sofria de Patetice Patológica Congênita. Uma doença rara que torna a pessoa um desastre ambulante! A última que ela aprontou ocorreu durante a Páscoa. Foi estourar uma biriba e explodiu um caminhão de chocolate – Buuummm!... Proooct!... Prrrrááá!... – Formou-se uma imensa nuvem de pó marrom e doce. A nuvem, arrastada pelo vento, foi desabar nas pastagens duma fazenda de gado. O capim ficou marrom de chocolate. Os animais adoraram a nova pastagem, comeram tudo! E foi assim que passou a jorrar das tetas das vacas de D. Zina Ribas – sabem o quê? – leite achocolatado! Pior era na hora do churrasco... Quando se assava uma picanha, vinha junto aquele cheiro de bolo brigadeiro...

– Cruz-credo! Biribinha na mão de Rita Pancada vira bomba atômica! – disse Antonino, o delegado, que proibiu a venda de qualquer tipo de fogo de artifício a Rita.

Pancada se defendia:

– Eu não sei o que aconteceu. Joguei a biribinha no chão e – Buuummm! – nasceu aquele cogumelo

de fogo. Não tive culpa!

A bem da verdade, a menina nunca tinha mesmo culpa das coisas que aconteciam. Era tudo sem querer... Como daquela feita, quando Rita enterrou a cidade sob uma montanha de pipocas ou fez sair suco de groselha pelas torneiras.

Fosse como fosse, Rita não tinha permissão de sair de casa, pois havia, mais uma vez, perdido as agulhinhas. Acontecia que a patetice de Rita só encontrava parada na ponta das agulhas de acupuntura de um certo Dr. Xin Tong, um velho médico que Pancada conheceu na China, quando esteve lá depois de cortar caminho pelo Inferno.

Pior era que Rita não estava apenas impedida de sair de casa. Sequer podia sair do quarto! Era uma suíte especial, de paredes almofadadas e móveis emborrachados, para não haver perigo de Rita se machucar. No seu armário só havia um modelo de vestido, todos feitos de plástico-bolha. Também não havia nada feito de louça ou vidro: pratos, copos, e até as vidraças das janelas eram feitas de plástico e

encapadas de borracha.

Rita só era obrigada a ficar nesse quarto acolchoado quando estava muito atacada de sua especialíssima doença. Mesmo assim, ainda se machucava, vivia mordendo a própria língua e enfiando a escova no olho na hora da higiene dental, prendendo o dedo na porta, arranhando a cabeça ao pentear os cabelos.

Curiosa que era, ficou com muita vontade de conhecer o circo. Mas desta vez ia obedecer à mãe. Na última ocasião, fez o contrário do que ela disse e se deu mal: foi parar na África! Lá, quase foi devorada por um leão e se viu em apuros com uma perigosa traficante internacional de fósseis.

– No fim das contas, a mamãe sempre tem razão... – concluiu, enquanto, pela janela, olhava a mãe danando com seu bichinho de estimação, Fofinho, um camelo de... quatrocentos quilos.

Fofinho vivia no jardim da casa de Rita. A menina o trouxera consigo, ainda filhote, de uma de suas aventuras. Mas, em poucos meses, o bicho ficou enorme e bem nutrido, alimentando-se do canteiro

de margaridas. A mãe vivia às turras com o bicho, reclamando, com toda a razão, de ele comer suas flores, do trabalho que dava:

– Não aguento mais catar cocô de camelo! Tem pelos de camelo até no meu vestido! O danado mijou no sofá da sala! Cadê a bananada que estava esfriando no tacho? O camelo devorou!

Pior era quando o mascote pulava a cerca do jardim e invadia a casa dos vizinhos para comer – Nhocht! Nhocht! Nhocht! –, pois era isso que Fofinho passava a maior parte do tempo fazendo, degustando coisas novas. Tinha a boca nervosa e uma língua muito curiosa de novos sabores. Havia devastado a coleção de calças de bolinha estendida no varal de Belinha Noronha.

– As que não comeu, deixou mordidas!

– Veio aqui em casa também e comeu meus chinelos de couro, justamente os que eu trouxe da Bahia!
– ajuntou Filó Marques.

Em casa do delegado, mascarou dois metros da mangueira do jardim.

– Não se há de ver que o bicho inventou um jeito prático de irrigar a gramma! – disse Antonino, vendo a água escapar por diversos furos.

Já Márcia Cabrerias não teve tanta sorte, não percebeu a aproximação da boca nervosa. Estava de costas, a popa pra cima, em posição de apanhar cebolinhas na horta... Vestida ela de alaranjado, Fofinho confundiu-a com uma enorme abóbora e: – NHAC!!!

Ganhou uma bela mordida nas platibandas inferiores. Ainda no hospital, levando oito pontos para fechar a mordedura do camelo, desabafou:

– Só podia ser mesmo o animal de estimação de Rita Pancada! É um absurdo esse bicho à solta! A Saúde Pública tem que tomar uma atitude!

Cansada de tanta confusão, a mãe de Rita já havia decidido: ia aproveitar a oportunidade e doar o camelo ao circo. Mas faria tudo em surdina, senão a menina ia abrir o berreiro na hora de se despedir do bicho. Aí, o coração dela amolecia e Fofinho acabava ficando.

– Melhor fazer tudo escondido! Assim, não tem choro nem vela.

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

CAPÍTULO 2

Um grande espetáculo



A hora da apresentação, uma longa fila esperava para embarcar no elevador de vidro e, assim, chegar ao Circo Voador. Fogos de artifício estouravam em brilho ao redor da lona toda iluminada com reflexos multicolores e piscantes. Grandes holofotes iluminavam o céu, desenhando, com luzes, enormes mandalas luminosas... Enfim, era a coisa mais linda que o povo de Formiga já havia visto!

Lá dentro, o cenário era de grande luxo: todas as cadeiras eram estofadas e forradas de veludo vermelho. O chão era coberto de tapetes orientais, ao

passo que enormes lustres de cristal cintilavam sobre a plateia. Não fosse o picadeiro no centro, reluzindo aos holofotes, poder-se-ia dizer que se tratava de um teatro de luxo e não de um circo. Cartuchos de pipocas e caixinhas de doces eram servidos em bandejas de prata.

– Coisa mais linda! Um circo digno de marajás! Nem acredito que pagamos tão pouco pela entrada... Mas não sei, não. Banana, quando é muita, macaco desconfia! – suspeitou o delegado, sempre de faro policial ligado.

Os tambores rufaram e pesadas cortinas vermelhas rematadas com franjinhas douradas se abriram, dando passagem a Frederico Gambine, soberbo, metido dentro de um fraque preto, equilibrando uma longa cartola sobre a orgulhosa cabeleira negra, lisa, colada na cabeça com gel. Era o dono do circo e apresentador dos espetáculos. Tinha a mania de torcer as pontas do bigodinho fino sempre antes de falar alguma coisa:

– Respeitável público! Senhoras e senhores!

Sejam bem-vindos ao Incrível Circo Voador! – exclamou, fazendo a mesura de dobrar o corpo até aonde seu barrigão de oito meses permitia.

Ao fim da saudação, todas as luzes se apagaram e uma bola de fogo surgiu no centro do palco – Tchap! Era Demétrio Karbella, o homem-dragão, cuspidor de fogo. Seu corpo negro reluzia à luz das chamas que nasciam de seus lábios e iluminavam os olhos espantados da plateia, que nunca havia visto na vida fogo verde! Uma chama muito especial e rara. Isso era o que encantava, as labaredas coloridas: verdes, azuis, amarelas, e até um arco-íris incendiado o artista cuspiu.

– É um cuspidor de fogo encantado! – deixou escapar a exclamação por entre aplausos a enfermeira Fiúca.

Para maior admiração do público, passou Demétrio a cuspir toda espécie de bichos – Tchop-tchop-tchop!... De repente, surgiu no escuro do picadeiro um cavalo de fogo, que logo se apagou, voltando tudo a ficar na escuridão de novo. Então,

adveio uma águia voando – Flap-flap-flap! Vu-uuu!...
– que estendeu enormes asas flamejantes sobre a plateia. Chegou a chamoscar a peruca do Aparício da Farmácia, que resmungou, sem perceber que havia sido lambido por uma chama:

– Hummm!... Cheirou a galinha chamoscada...

Mais alguns bichos de penas e pelos regurgitou o artista. Duravam um segundo, sumindo no ar sob aplausos entusiásticos da plateia.

Enquanto a cidade se divertia no picadeiro fluante, Rita Pancada afivelava o cinto de segurança de sua cama, para não cair durante o sono.

– Até papai e mamãe foram ao circo e me deixaram aqui sozinha! – resmungou, amuada.

Na verdade, os pais de Rita não foram ao circo assistir ao espetáculo, mas sim doar a Frederico Gambine, o Fofinho, o camelo de estimação de Pancada, sem que ela soubesse!

Rita já estava às portas de entrar em seu primeiro sono, quando, dando um salto ornamental carpado para a direita, entrou pela janela de seu quarto um

homem cujos músculos saltados pareciam embalados a vácuo num colante prateado. Ele parou aos pés da cama de Rita, e então, estufando o peito e colocando as mãos na cintura, fez-lhe um cumprimento, dobrando os joelhos.

– O que você quer aqui?! – estranhou Pancada, meio sonolenta.

Eis que vieram um homem e duas mulheres, saltando pela janela um depois do outro, dando cambalhotas – Plonc-plonc-plonc! Fuípe-turn! Fuípe-turn!



Subitamente, a menina viu-se cercada de uma gente muito estranha, que brilhava em prateado na penumbra de seu quartinho de borracha.

– Será que estou sonhando e ainda não me dei conta? – perguntou a um botão de seu pijama.

Sonho, qual nada! Um dos homens amarrou um lenço cobrindo-lhe a boca enquanto os outros amarravam seus braços e pernas. Pancada estava sendo raptada!

Rita tentava pedir socorro, mas a voz não conseguia vazar pela mordança. Uma das mulheres desenrolou um tapete, e nele enrolou Rita, para assim poder carregá-la pelas ruas sem que ninguém percebesse nada. Amarraram firme a tapeçaria a fim de não ter perigo de desenrolar. Saíram pela porta da frente da casa, carregando o tapete recheado de encrenca. Lá dentro, a menina tentava compreender o que acontecia. Por que alguém iria querer raptá-la? Não era rica de valer resgate e, além disso, tinha a péssima fama de arrumar confusão por onde quer que passasse. Então, surgiu uma ideia terrível em sua mente:

– Será que o prefeito se cansou de minhas confusões e contratou alguém para dar fim à minha pobre pessoa?! Macacos me mordam! Estou correndo risco de vida!

Depois de um tempo sendo carregada, Rita sentiu que os bandidos haviam colocado o fardo no chão. Na verdade, estavam esperando o elevador de serviço chegar para levar a garota até seu cativeiro. Pancada, contudo, foi mais rápida: sentindo que estava parada, deslizou até uma das pontas do tapete. Conseguiu colocar apenas os pés para fora, o que já foi suficiente para tentar fugir.

Saiu, portanto, dando pulos e rodopios – Panc! Panc! Panc! Prrrammm! Dentro do tapete, só escutava aqueles *ais!* e *uis!* A cada pulo que dava, era um pé que amassava. Depois de pisar nos calos todos, deixando os bandidos pulando numa perna só, marcou um rumo e saiu dando desajeitados passos com as pernas presas dentro do tapete.

– Peguem! Peguem! Se ela fugir, o chefe nos esfola!
Pancada fugiu com seu passinho de pata-choca

– Cloc! Cloc! Cloc! –, até alcançar a Rua do Carmo, onde tropeçou, caiu e disparou rolando ladeira abaixo.

– Tum-tum-tum-tum!... Ao fim da rua, deslizavam, sob a luz da lua, as águas profundas do rio Formiga.

– Está indo na direção do rio! Se cair lá, afunda e afoga rapidinho! – disse um dos criminosos, que tentava alcançar o tapete desgovernado.

– Essa não! Não podemos perder o tapete do chefe! É de estimação! Foi furtado de um palácio persa!

– E nem a danada da menina!

Contudo, por mais que corressem, o tapete ia rápido e alcançou a margem antes deles. Os bandidos não sabiam era que a Prefeitura, depois de muitos acidentes causados por Pancada, havia instalado, no fim da Rua do Carmo, na beira do rio, uma proteção de borracha elástica, como aquelas usadas em estilingue. O tapete bateu no elástico e voltou zunindo – Tummm! Zuimmm! – ladeira acima, feito um tiro de canhão. Então a situação se inverteu completamente: os bandidos passaram a fugir do tapete.

– Sebo nas canelas, minha gente! O tapete vem

furioso de volta! Eu bem disse que sequestrar Rita Pancada era brincar com a sorte!

No embalo do estilingue do prefeito, Pancada arrastou todos eles para dentro do elevador, que a uma altura dessas já esperava em solo. Uma vozinha eletrônica disse muito polida:

– *Boa noite! Seja bem-vindo! Por favor, para sua segurança, não se aproxime da porta enquanto o elevador estiver subindo.*

– Que máquina mais educada! Onde será que eu vim parar? – pensou Pancada dentro do tapete.

Quando o elevador se abriu, Rita saiu aos saltos, deixando desmaiados seus raptos de colante prateado. Sem ver por onde ia, varou as cortinas vermelhas e parou no centro do picadeiro, interrompendo um número de mágica, justo quando Lupsin serrava sua assistente ao meio. O público não entendeu o que se passava.

Ouvindo, de dentro do tapete, o bochincho do povo, a menina percebeu que estava num lugar cheio de gente. Então, começou a se debater, já que não

podia gritar, amordaçada que estava. Gambine, muito astuto, pegou o microfone e disfarçou, como se aquilo também fizesse parte do espetáculo:

— Já é chegada a hora dos palhaços! Não se há de



ver que arranjaram um tapete mágico?! — dissimulou.

Vários palhaços subiram ao picadeiro, dizendo gracejos e fazendo micagens. A orquestra, disciplinada que era, começou a tocar uma música engraçada, acompanhando os movimentos de Rita no tapete,

dando a impressão de que ele parecia dançar. Tudo pareceu parte da apresentação e ninguém do público se deu conta de que era Rita Pancada que estava dentro do tapete pedindo ajuda. Logo os palhaços simularam o fim do show e saíram carregando o tapete com a menina dentro, sob os aplausos da plateia.

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

CAPÍTULO 3

O misterioso desaparecimento de Rita Palhares



Todos na cidade procuravam por Rita Pancada, que estava desaparecida. Na noite anterior, seus pais haviam deixado Rita sozinha em casa, enquanto foram ao circo doar o camelo de estimação de Pancada a Frederico Gambine, o qual lhes declarou que ficaria com o animal. Mas era mentira, pois não gostava de camelos, davam muito trabalho e muita despesa: – *Curiosos e mexelhões! O último que tivemos comeu minha cartola!*. Mas foi-lhe providencial os pais da menina aparecerem, deixando-a sozinha em casa.

Acreditando que estavam livres do mascote, pai

e mãe giraram nos calcanhares para voltar para casa. Só que Gambine, muito gentil, convidou os dois para assistirem ao espetáculo na tribuna de honra do circo, como forma de retribuir a doação.

– Acho que não haverá problemas se ficarmos, querido. Deixamos Rita dormindo tranquila no quarto emborrachado e, há muito tempo, ela não tem ataques de sonambulismo – disse a mãe ao pai, muito curiosa que estava para ver o espetáculo.

Quando retornaram do show, depararam com os lençóis revirados e com Rita faltando. No início, todos acharam que se tratava de uma recaída do célebre sonambulismo da menina que, quando sonâmbula, fazia tudo certo. No último ataque, entrou na Loja de Cristais “Albuquerque” e limpou trezentas taças sem quebrar nenhuma! O proprietário até perguntou:

– Não tem como deixar o sonambulismo dela definitivo?

O delegado, contudo, não achava que Rita havia desaparecido por conta de andar dormindo. Junto com Pancada, havia sumido também o Circo Voador,

o qual, logo ao fim do espetáculo, recolheu a lona e desapareceu...

– Sequer levaram o camelo que ganharam dos Palhares! Muito suspeito! Muito... – desconfiava a autoridade.

Aí, toda a cidade de Formiga procurava e chamava pela garotinha desaparecida:

– Rita! Rita! Riiita! Onde está vocêêê?!

Pancada ouvia as pessoas chamando por seu nome, mas não podia falar nada, pois estava amarrada a uma cadeira e amordaçada. Por uma escotilha, via a cidade encolhendo à medida que o dirigível subia mais e mais no céu. Não entendia nada. Por que alguém iria querer sequestrá-la? Justo ela, a menina mais atrapalhada do mundo?

Frederico Gambine não pensava assim. Via em Rita um dom artístico, mais um modo de ganhar dinheiro. Na verdade, o dono do circo era um bandido terrível. Toda a trupe era escrava dele, trabalhavam sem nada receberem, mal e mal os coitados comiam.

Para dominar seus artistas, Gambine utilizava

uma estranha pedra vermelha como sangue, espécie rara de cristal. Presa a uma corrente de ouro, fazia-a balançar diante dos olhos da vítima, hipnotizando-a e apoderando-se de sua mente, sua vontade, sua opinião... Por isso, todos cumpriam suas ordens sem questionar. Como aquela que deu aos trapezistas:

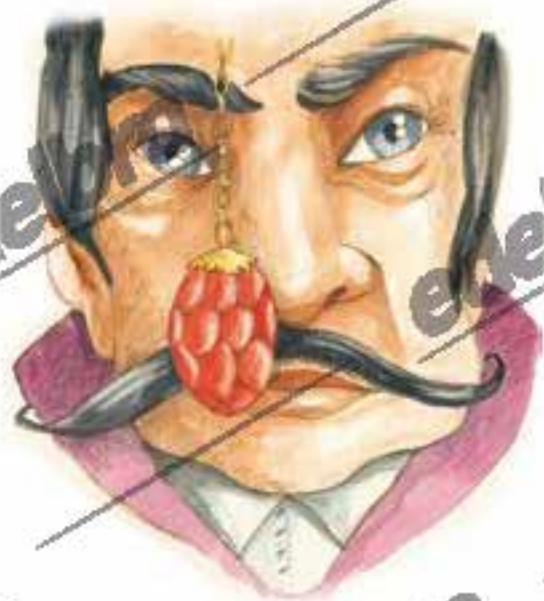
– Aproveitem que Rita está sozinha e a capturem!

Logo que ela chegou, tratou de hipnotizá-la também.

– Olhe para a pedra! Siga-a com os olhos... – disse, com voz cavernosa, Gambine.

Rita sabia o que o malfeitor pretendia. Viu isso uma vez na TV, contudo não pôde evitar. O brilho da pedra atraía poderosamente seus olhos, parecendo aumentar mais e mais, envolvendo-a, dominando-a. Ela não queria olhar, mas seus olhos queriam! Uma atração irresistível, como a das mariposas voando, encantadas, em torno da lâmpada acesa. Em um minuto, Rita estava de cabeça virada, obedecendo, sem titubear, às ordens de Gambine:

– Agora você é um cachorro!



– Au! Au! – latiu Pancada, fazendo, em seguida, um xizizinho em direção às canelas do malvado. Depois, saiu correndo e rosnando atrás dos palhaços. Foi uma confusão dos diabos! Atacava-os bem nos fundilhos: – Nhac! Nhac!

Xirnbinha perdeu um pedaço da cueca e ainda ficou com a poupança riscada de sangue. Pitoco também levou mordida, mas foi nas platibandas superiores, perdeu o nariz vermelho, e sua peruca verde virou estopa nos dentes afiados de Rita, que tinha a

firme convicção de que era um cachorro dos mais zangados. Então, o patrão mandou:

– Rita Pancada! Agora você é uma árvore, bem enraizada! Assim você fica bem paradinha e não arruma mais confusão!

A menina parou imediatamente de correr atrás dos palhaços e ficou em pé com os braços para cima, como se fossem os galhos. Frederico deixou-a nessa posição até que ficasse pronto o lugar que mandou fazer especialmente para ela. Os palhaços aproveitaram para se vingar das mordidas e vieram aguar Pancada com um regador. Mas dele não saía água e, sim, tinta! Rita ficou toda pintada de verde. Então ela deixou cair um dos braços que estavam levantados para o alto bem no meio da cara do Ximbinha:

– Você me deu um tabefe! Ora! Mas você é uma árvore?! Não pode! Árvore não se mexe!

– Foi o vento que derrubou um galho, seu palhaço!... – explicou-se a menina.

O plano de Frederico Gambine era fazer de Pancada mais uma atração do Circo: “VENHAM VER

RITA PANCADA, A MENINA MAIS TRAPALHONA DO MUNDO!”.

Mandara fazer uma jaula provida de barras de aço bem rentes, onde o público poderia ficar vendo-a, com segurança, cair, escorregar, tropeçar e quebrar tudo... A primeira apresentação foi assim: Pancada na gaiola, mais cem jarros de porcelana que havia de arrumar em várias estantes. Frederico deu a ordem:

– Rita, organize por ordem de tamanho os vasos nas estantes!

Foi um fiasco de apresentação, pois a menina arrumou tudo direitinho! Não deixou um jarro cair, quebrar, sequer trincar... O público vaiou, insatisfeito.

– Que coisa mais sem graça! Não fez nenhum crec!

– Não sei o que há de fabuloso nisso! Quero meu dinheiro de volta!

O dono do circo torceu o bigode. Sob o efeito da hipnose, Rita fazia tudo sem errar! Coçou a cabeça embaixo da cartola e teve uma ideia. Estalou os dedos e disse:

– Acorde, Pancada!

Rita libertou-se do transe. E viu-se cercada das finas peças de porcelana.

– Pela careca de São Benedito! Fui pega em uma arapuca de metal! Quanta louça! Não vou nem me mexer, para não quebrar nada! Pode ser perigoso eu me cortar...

Ficou lá paradinha, enquanto pôde. Gambine, sentindo que seu plano ia dar certo, mandou rufarem os tambores. Então, adveio aquela pluminha branca pairando no ar, uma penugem dos pombos do mágico.

– Essa não! Uma pluma! Sou alérgica! Não posso dar um espirro aqui de maneira alguma! Quando estive na China, destruí um exército com um espirro! Já sei: quando a pluminha se aproximar, eu a sopro para bem longe de mim...

Ficou observando a pena descer lentamente. Quando se aproximou dela, inspirou para apanhar ar, a fim de soprar a penugem para longe. Mas tanta força fez, que acabou sugando a pena pelo nariz, feito

um aspirador de pó! A pluminha já entrou fazendo cosquinha. Rita sentiu um espirro nascendo e tapou o nariz e a boca com as mãos. Ficou segurando, segurando, e o espirro foi crescendo, e as bochechas de Rita inflando feito balão de festa. Ficou com medo de as bochechas se rasgarem e, fechando os olhos, terminou soltando o espirro.

Imediatamente, aconteceu um assombroso estrondo de coisas quebrando-se e espatifando-se por todos os lados – Baaamm! Prááá! Praaac! A gaiola de aço chegou a tremer! Quem tinha chapéu ou boné perdeu para o redemoinho que saiu, furioso, dos pulmões de Pancada. Uma espectadora, Clara Silva, que estava bem próxima do picadeiro, teve os longos cachos dos cabelos esticados pelo espirro. Desse dia em diante, só lhe nasceriam cabelos lisos, daqueles escorregadores de piolhos. Houve até um anão rolando na ventania pulmonar!

Quando Pancada criou coragem e abriu os olhos, não restava mais um jarro inteiro. Baixou a cabeça, esperando a bronca vir de algum lado. Mas o que viu

foi o público todo aplaudindo de pé!

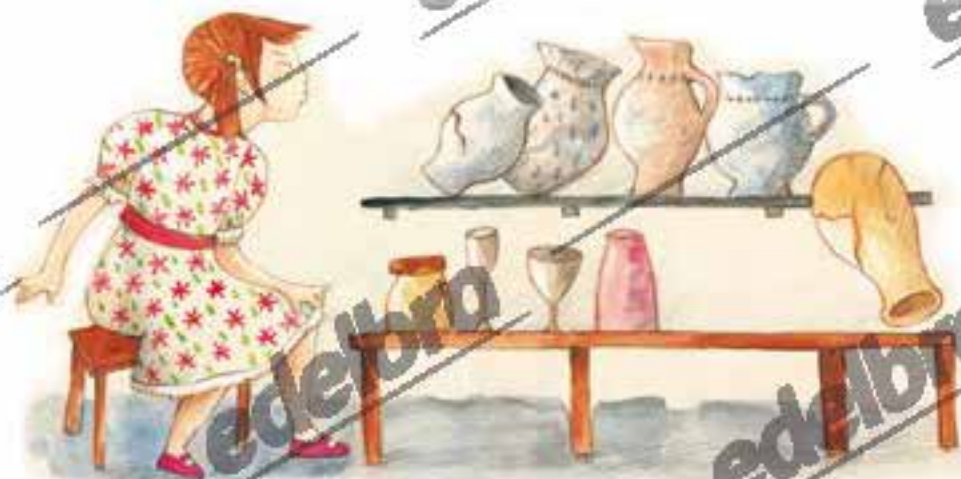
– Nossa! Essa menina é incrível! Quebrou duzentos vasos com um espirro! – exclamou um dos espectadores.

– E ainda alisou meus cabelos!

– Mãe! Minhas pipocas saíram voando! – queixou-se uma criança.

Rita ficou tão feliz! Sentia-se como uma grande artista!

– Queria que mamãe pudesse me ver agora! Todas essas pessoas felizes porque quebrei alguma coisa!



Tiago de Melo Andrade

Quando era criança, passei muitos recreios na biblioteca, para espanto de muitos colegas que não entendiam como aquele lugar poderia ser tão divertido quanto jogar bola ou correr pelo pátio. Desde muito jovem, percebi que nos livros cabem muito mais coisas que a informação, o estudo e a pesquisa: eles também abrigam a imaginação e a fantasia, de modo que são ótimos lugares para passar os recreios, as férias e a vida.

Essa proximidade com os livros acabou rendendo bons frutos: as histórias que eu escrevo. Hoje tenho mais de quarenta livros publicados e algumas premiações importantes, como o Prêmio Jabuti.

É como eu costumo dizer, a leitura é a forma mais segura de viajar, conhecer outras terras, culturas, visitar o passado, vislumbrar o futuro e até mesmo viver outras vidas. Tudo isso podemos fazer sentados na sofá de casa, deitados na cama, ou ainda para transformar a espera chata de uma fila em aventura!

Laura Michell

Desenhar e pintar sempre foi minha maneira de olhar o mundo e de me expressar sobre o que vejo e sinto. Gosto muito de dar forma a personagens e de criar o mundo em que vivem, como fiz com Rita Pancada, que Tiago inventou com palavras e que tomou forma com meus lápis e pincéis.

Como gosto muito de literatura, interessei-me pelo diálogo que pode existir entre o texto e a imagem e percebi que poderia encontrar na ilustração de livros o caminho para desenvolver o que sempre gostei de fazer: desenhar e pintar.

Nasci em Rio Gallegos, na Argentina. Estudei pintura e gravura na Escola de Belas Artes de Buenos Aires, cidade onde vivo e trabalho. Atualmente dedico-me a ilustrar livros, a pintar minhas próprias obras e a dar aulas de arte.

As aventuras de Rita Pancada

Quando o Incrível Circo Voador chegou em Formiga, a cidade onde Rita Pancada nasceu e vive até hoje, não houve quem não ficasse maravilhado. Era mesmo um circo muito especial.

O que ninguém imaginava era que havia uma razão bem específica – e bem esquisita – para que o dono do circo, entre tantas cidades desse mundo, escolhesse a pequenina Formiga para uma temporada.

Junto com Rita e Rajiu, o menino mais forte do mundo, você vai descobrir os segredos do grande Frederico Gambine. E vai saber também o quê, afinal, levou Rita a incríveis lugares da Índia.

edelbra

